

Universidade de Brasília  
Instituto de Arte  
Departamento de Artes Visuais

# ***Catalogando Existências***

## ***Ordinárias***

Trabalho de conclusão do curso de  
Artes visuais, habilitação em  
Bacharel do Departamento de Artes  
Visuais do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília

Brasília, 2019

**ALVARO CARDOSO DE SANTANA**

***Catalogando Existências***  
***Ordinárias***

***Brasília, 2019***

# Sumário

<b>1</b>	<b><i>Parte I - achados do poeta</i></b>	<b>1</b>
<b>2</b>	<b><i>Parte II - catalogando existências ordinárias</i></b>	<b>4</b>
+	<b><i>Lote # 1 - Sentáveis</i></b>	<b>4</b>
+	<b><i>Lote # 2 - Bibelôs Sortidos</i></b>	<b>5</b>
+	<b><i>Lote # 3 - Sinalizando Ferramentas e a Trança Dela</i></b>	<b>7</b>
+	<b><i>Lote # 4 - Voltas da Bala</i></b>	<b>9</b>
+	<b><i>Lote # 5 - Colher Para Sabão</i></b>	<b>11</b>
+	<b><i>Lote # 6 - Redial</i></b>	<b>12</b>
+	<b><i>Lote # 7 - Cristo na Garrafa</i></b>	<b>13</b>
+	<b><i>Lote # 8 - Sem Título</i></b>	<b>13</b>
+	<b><i>Lote # 9 - Voltas na Fita de Moebius</i></b>	<b>14</b>
+	<b><i>Lote # 10 - Sinalizando</i></b>	<b>15</b>
<b>3</b>	<b><i>Parte III - percursos pela Fita</i></b>	<b>18</b>
<b>4</b>	<b><i>Parte IV - a palavra como processo</i></b>	<b>26</b>



## **Parte I - Achados de Poeta**

Para mim todas as coisas por si só, por apenas serem o que são, possuem um potencial para ser objeto de arte, e então para que a partir daí, nas mãos e na mente do artista possam lograr uma volta na fita e se tornarem outra coisa. Walter Benjamin (1955, 1967) sintetiza da seguinte forma: “Os poetas encontram na rua o lixo da sociedade e a partir dele fazem sua crítica heróica.” (Walter Benjamin, *A modernidade e os modernos*, trad. Heidrum Krieger Mendes da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 15). Nessa passagem Benjamin parte de um paradigma contemporâneo que já era premente, que com o passar do tempo se torna algo comum no âmbito das artes visuais. O artista analisando seu tempo necessita de outros meios para dar luz à sua obra, retirando do que é descartado pela sociedade sua matéria prima, na passagem de Benjamin entende-se que esse artista “trapeiro”, o que se vale do lixo enquanto coisa pronta para daí criar a “... sua crítica heróica.”

Esta pesquisa consiste em uma coleção que foi feita a partir da coleta de alguns objetos, todos desarranjados em alguns de seus aspectos que supostamente os definem enquanto coisas funcionais no mundo ordinário, e porquê se encontram nessa situação são colocados de lado ou descartados. Objetos que variam entre: cadeiras; bibelôs; conchas e pequenos ossos de peixes achados em praias; o couro e o crânio de um lagarto do cerrado; dois projéteis colados por suas pontas; entre outros utensílios/peças que pertencem à outras classes do micro-universo das coisas. Em um processo simples e natural de coleta ao longo de alguns anos, fui acumulando os componentes dessa coleção.

Foram encontrados na rua, herdados, garimpados, comprados, subtraídos ou presentes que eventualmente ganhei, então a partir da coleta e posteriormente da catalogação, que se tornou parte da obra como registro da memória desses objetos — a catalogação vem representar a memória desse acúmulo, crio minha relação com cada um deles, dando-lhes um *status* de ente/sujeito, de criatura, assim como de objetos de arte — atribuindo novos sentidos e valores: sentidos para suas existências de ex objetos funcionais e valores para como os entendemos. Procuro

colocá-los, de certa maneira, em diálogo com a ideia do que é colecionável, procurando evocar o valor do objeto ordinário, o retirando de sua existência funcional, por exemplo retirando das cadeiras suas funções de servirem apenas como um lugar para se sentar. Eles são inserindo em uma composição visual, para dialogar sobre suas anteriores posições de objetos de existência ordinária.

O critério para a escolha de cada componente varia de um para o outro, mas de qualquer forma, sinto parecer que eles é que me encontram primeiro e então travamos um diálogo silencioso, mental. Um processo de convencimento de que eles devem estar ali compondo algo maior. Entre eu e os sujeitos desse trabalho, em um processo de desfazimento e reconstrução de identidades, segue uma linha de intimidade devido à nossas existências ordinárias em um mundo que a cada momento exige mais exclusividade, até que se possa perder o que separa quem é o que, quem é o sujeito criador e o quanto do sujeito é feito ao passo que são ressignificadas essas pequenas presenças. Cada um dos itens sugere uma memória diferente, onde essas diferenças sugerem um contexto anterior ao nosso encontro. Primeiramente um lugar de esquecimento, inutilidade e abandono, posteriormente estarão em lugar de diálogo visual em que os objetos da coleção se relacionam com as pinturas que foram surgindo a partir deles, por exemplo o tríptico que recebeu o nome de Voltas na Fita de Moebius e que representam as voltas que o sujeito faz ao longo da vida, gerando aí várias facetas de nossas existências: é finalizar um etapa e iniciar outra. Em uma composição lisa, usei apenas duas cores em cada uma das três pinturas, nelas existem uma esfera que segue de maneira acachapante em direção um arco (como os arcos do triunfo que ao redor do mundo são marcos de conquistas históricas dos lugares onde esses são edificadas).

Outra série de pinturas que compõem a presente pesquisa, são inspirada em sinalizações muito utilizadas para identificar onde estão extintores de incêndio ou mangueiras, sinalizam utensílios de uso emergenciais, o que faz com que dediquemos mais facilmente a nossa atenção, pelo fato de essas cores afetarem que as observa de maneira psicossomática. Aqui também partirei desse princípio de atenção às coisas ali sinalizadas, utilizando essa série como tapetes que reclamam o olhar para quem ou o que estiver, uma vez, justa-posicionado em cima dessas

pinturas. O processo de catalogação é organizado numericamente e em lotes que unem os objetos por semelhança ou diferença, no caso de o lote ser múltiplo. Esse “arquivo” sempre poderá variar a cada vez que for feito e conseqüentemente a instalação variará a cada vez que for montada, a partir do momento que se tratar de uma nova coleção.

O número de lotes não é o mais importante, mas sim os objetos que compõem a coleção. O trabalho procura dialogar sobre certos aspectos do processo artístico, como o lugar do sujeito na arte contemporânea, que passa a variar entre obra, audiência e o artista.

Utilizando como mote um suposto percurso topológico pela fita de Moebius, sendo cada volta em sua extensão uma “... volta do sujeito ao sujeito.”, assim como cada linguagem utilizada na composição total da obra uma outra volta na fita.

## Parte II - Catálogo das Existências Ordinárias

### Lote #1 — Sentáveis

Constituído por um conjunto de assentos que formam a epigênese da obra. Foram coletados em situações de descarte, em ocasiões aleatórias: as cadeiras doadas por um bar que as jogaria fora; o banco num lixo de obra; a banqueta junto a um poste ao lado de outra igual.

Na composição: Duas cadeiras, banco de madeira, banqueta de compensado e o **Lote# 06** - Redial (telefone).





## **Lote #2 — Bibelôs Sortidos**

Caixa de madeira que porta pequenas coisas desarranjadas, desde um teclado de brinquedo, algumas rochas junto de coisas conchas e ossos, lembranças de viagens, um livreto pedagógico à frascos com misturas de líquidos feitos por crianças.

Objetos/coisas variados que foram coletados, herdados, achados ou adquiridos de maneiras diferentes.





**Lote #2 — Bibelôs sortidos**

**Caixa de madeira com objetos pequenos**

**Lote #3 — Sinalizando ferramentas e a Trança Dela.**

Composto por quatro ferramentas e uma trança de cabelos sintéticos: uma serra, uma lima e duas facas. Ferramentas que por uma eventualidade e por necessidade surgiram em minha vida para que passassem a compor a instalação, diferentemente da trança que foi comprada por minha companheira em certa viagem. As ferramentas foram justa posicionadas em cima de uma das telas que compõem o **Lote# 10**, ao lado, a trança.





**Lote #3 — Sinalizando ferramentas**

**Serra, lima, duas facas sobre tela; cabelo sintético**

**Lote #4 — Voltas da Bala**

Um pequeno frasco com petróleo em seu interior, um par de balas colados por suas pontas, uma miniatura de macaco, osso de algum animal que desconheço, cavalo de argila, couro e cabeça de um lagarto do cerrado.

O petróleo minha companheira ganhou na época de graduação em geologia, as balas apareceram em meu caminho sem muita explicação, a miniatura subtraí de meu irmão, o osso retirei do mar, o cavalo foi encontrado na feira de São Joaquim em Salvador, Bahia, o couro do lagarto minha mãe recolheu na fazenda onde mora e o guardou para mim.





**Lote #4 Ciclo da Bala**  
**Detalhe**

### **Lote #5 — Colher para Sabão**

Uma grande colher de madeira que minha avó utilizava para mexer o seu sabão caseiro, instalada logo abaixo de um dos componentes do **Lote # 10** Cena que fez parte de toda a minha infância, e essa colher carregada de memória estava lançada ao esquecimento em áreas de refugio na velha casa.





**Lote #6 — Redial**

O antigo telefone utilizado na casa onde da minha avó, onde cresci.



### **Lote #7 — Cristo na garrafa**

Posicionada atrás do **Lote #8**. Composto por uma garrafa abaulada com um crucifixo em seu interior e posicionada em cima de um dos componentes do **Lote #10**. Garrafa que chegou em minhas mãos embalando um pouco cachaça.

### **Lote #8 — Sem título**

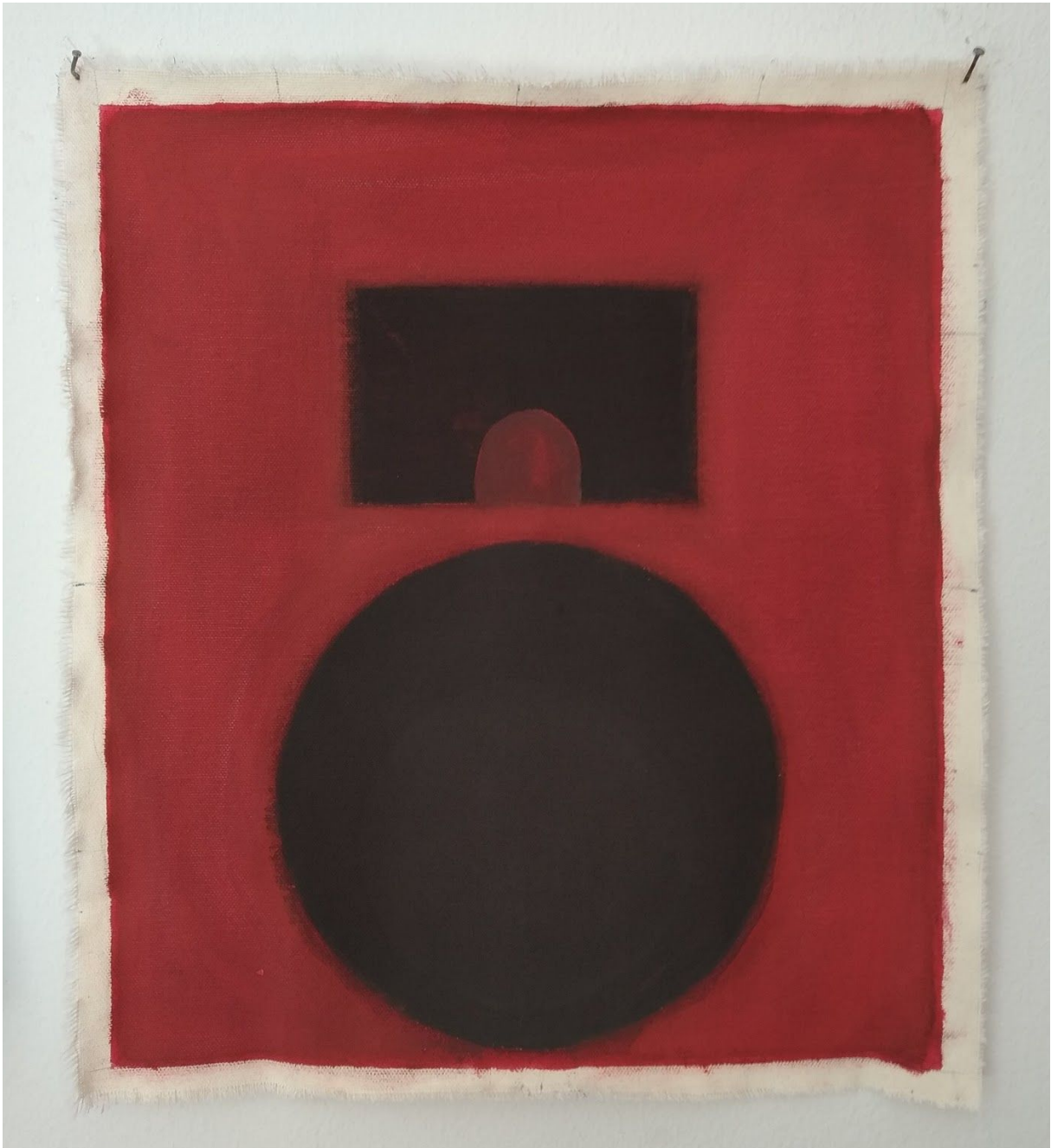
Posicionados em frente ao **Lote #7**. Um par de bustos angolanos feitos em madeira maciça, um feminino e outro masculino. Posicionados em cima de dois componentes do **Lote #10**. Eram adornos de um espaço de orações de Candomblé e que por alguma decepção da antiga dona estavam sendo jogados fora.



### **Lote #9 — Voltas na Fita de Moebius**

Tríptico feito com tinta guache vermelha e preta e tinta PVA amarela sobre lona. Na composição das três telas vê-se a estrutura arquitetônica de um arco na parte superior das telas e uma esfera na parte inferior. A esfera caminha acachapantemente em direção ao arco. Me aproprio da fita de Moebius enquanto um circuito a ser percorrido, e a cada uma dessas voltas uma vida, a cada passagem pelo arco, uma volta.





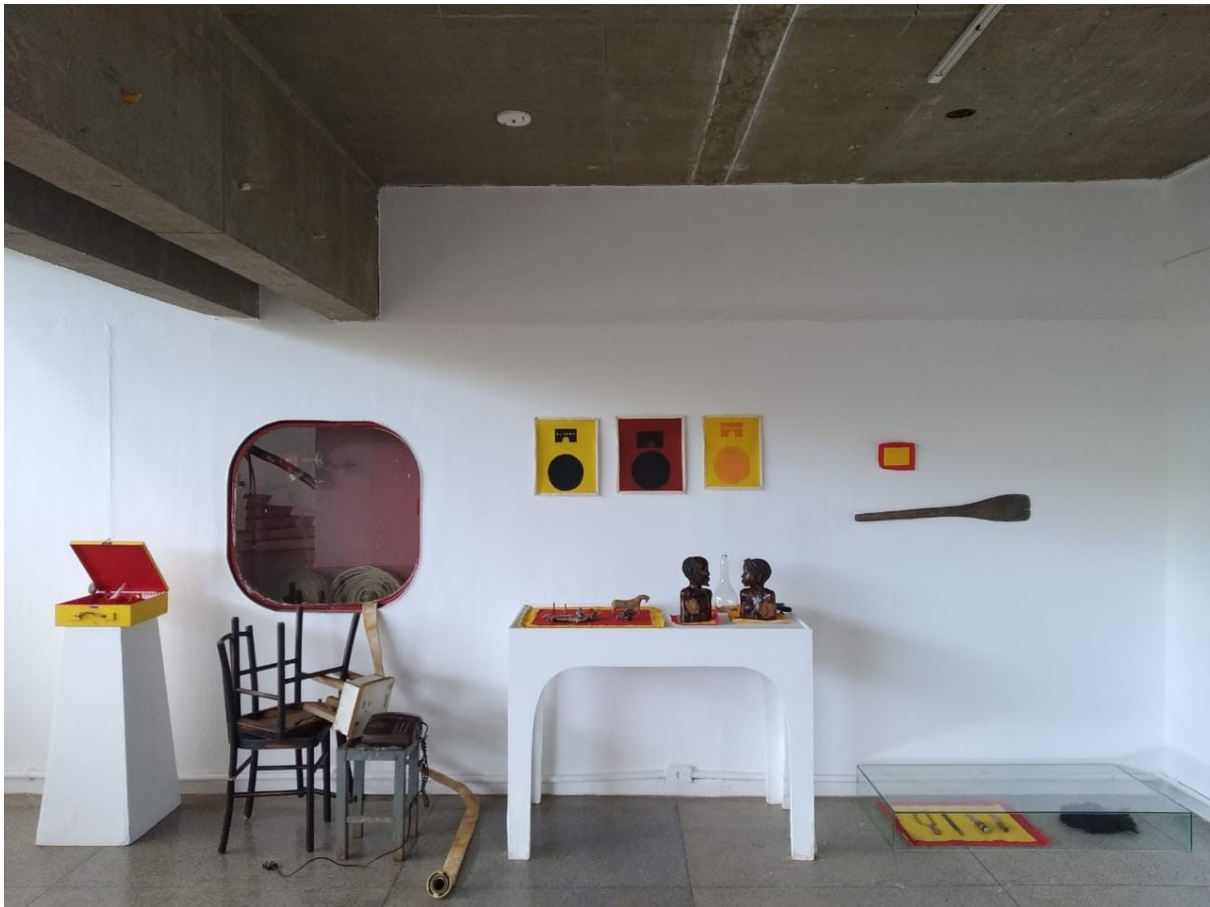
***lote #9 — Voltas na fita de Moebius***

***detalhe***

***Lote #10 — Sinalizando Existências Ordinárias***

Série de seis pinturas feitas com tinta guache vermelha e tinta PVA amarela sobre lona. Inspiradas em sinalizações de atenção para objetos de segurança como extintores de incêndio, mangueiras, saídas de emergências - aqui utilizadas pelo aspecto cromático e pela forma psicossomática que essas cores afetam o observador. Este lote está distribuído pela obra sinalizando outros lotes.

Surgiu como série de pinturas feitas para serem expostas na parede, mas após pensar a respeito de como elas foram criadas e a referência que utilizei para isso, realizei que elas poderiam ser tapetes que evidenciasse outros objetos, da mesma maneira que essas sinalizações são utilizadas em espaços públicos.



### ***Parte III - Percursos Pela Fita***

Me conveio chamar de Voltas na Fita de Moebius o processo de refazer e dividir o sujeito junto a esses objetos e demais itens, onde foram surgindo outros componentes para a composição dessa obra: pinturas que atribuem um aspecto cromático, a partir dessas subdivisões que surgem minhas proposições sobre a vida ordinária. Lacan utiliza da fita de Moebius no seguinte trecho retirado de ‘O Seminário, Livro XIII’:

[...] é uma ida e volta do sujeito ao sujeito, sob a condição de captar que essa volta não é idêntica a ida e que, precisamente, o sujeito, conforme a estrutura da fita de Moebius, se fecha a si mesmo depois de ter logrado essa meia-volta que faz que, partindo de seu anverso, volte a se costurar em seu reverso. Em outras palavras, há que se fazer duas voltas pulsionais para que se logre algo que nos permita captar o que concerne

autenticamente a divisão do sujeito.” (Lacan, *Le Séminaire, livre XIII: L’Objet de la psychanalyse*, sessão 11/05/1966).

Eu e os componentes dessa pesquisa enquanto sujeitos da obra e criadores um do outro, seguindo dando voltas, sendo cada linguagem inserida na composição geral da obra uma volta na fita: a coleta de cada objeto; o processo de catalogação; as pinturas e por fim a montagem final de cada componente em uma instalação. Aliando questões que surgiram primeiro às novas que insurgiram no processo, crio um vínculo de intimidade com cada peça, cambiando de lugar entre sujeito e obra à procura de dar na fita quantas voltas forem possíveis.

A validação dessas voltas é feita no momento em que os componentes se deslocam da classe das coisas para uma que aqui possui um outro valor, em que o objeto por si só é desejável como objeto de arte, ou quando ele se insere em algum propósito que transcende sua atual e suposta inutilidade. Eles, “vivendo” essa nova forma de existência fazem por si só seus percursos, onde a primeira volta que deram na fita foi do processo de desgaste de suas funcionalidades, como as cadeiras que pertenciam a um bar mas uma perna de cada se quebrou ao meio e então suas funções já não são cumpridas como deveriam, ao ponto de não serem mais “úteis”, então são retiradas de seus contextos anteriores, e seguem se refazendo até aqui onde irão atuar em novas facetas de suas existências ordinárias e efêmeras, para então na finalização desse processo, e na montagem da obra, eles cheguem ao fim de mais um circuito pela fita, para que, então, iniciem outro.

Anterior ao início desse estudo, meu interesse por uma abordagem artística em torno da memória, se deu no momento em que realizei a possibilidade de revisita-las e nas coisas observar suas memórias, aplicando conceitos que até então eram possibilidades que eu ainda não havia realizado. Transformar o objeto de arte em sujeito e ele variar entre espectador, criador e obra.

Se tratando de apropriação e ressignificação em arte contemporânea a gênese está em Duchamp quando realiza seus ready mades. Foram trabalhos que modificaram a forma que a arte contemporânea se desdobraria ao longo do século, como Roda de Bicicleta (1912), consistia em uma roda justa posicionada em cima de um banco. Diferentes artistas utilizam a memória e se valem de objetos

naturais do cotidiano para veicular um conceito trazem uma base referencial a essa investigação. José Rufino, por exemplo, artista que é ligado à ideias que investigam conceitos inerentes à memória, na sua produção poética criou uma obra chamada Jogo Fenotípico (1996) (imagem 1). A obra consiste em cadeiras de madeira e cilindros de gesso ocupando um espaço da galeria. Em sua obra, Rufino utiliza “elementos carregados de memória, oriundos sobretudo de seu legado familiar, como documentos, cartas e mobiliário” (enciclopédia Itaú 2019). Valendo-se desse tipo de objeto, traz memórias factuais, diálogos acerca de temas pessoais e históricos, criando uma narrativa poética da memória.

O presente trabalho e o processo utilizado se assemelham ao de Rufino, na lida com as memórias que encontro e as que atribuo aos meus objetos de investigação. Esse momento de epifania ocorreu após visitar a exposição que fazia parte do evento III Pós-Happening: EntreLinhas (2015), na galeria Espaço Piloto (UnB). A Profa. Dra. Ruth Sousa (Departamento de Artes Visuais - UnB) participou com a obra/empresa Made-Up Memories Corp®, que criava “memórias por encomenda”. O trabalho consiste em uma empresa fictícia que cria visualmente supostas memórias e situações que os clientes gostariam de viver ou poderiam ter vivido. A partir de cartas enviadas pelos mesmos, são elaboradas essas “lembranças” em forma de um objeto de arte, e que são legitimadas como memórias por um certificado oficial de autenticidade, carimbado e assinado pela diretora da empresa e autora da obra.





Jogos Fenotípicos - José Rufino (1996)

imagem 1

Para cada encomenda de memória feita, é criada uma instalação ou objeto (seriado ou não), onde se varia o contexto de cada carta enviada como encomenda à empresa. Por exemplo, na exposição em questão, havia um pedido que se tornou uma obra com o nome PEDIDO Nº 04 "QUE OS LIVROS VOLTASSEM A SER ÁRVORES" (imagem 2 e 3). Nesse pedido o cliente conta sobre uma ocasião em que mexia em uma estante com livros que estavam guardados já há muito tempo, e eles estavam se desgastando com a umidade e má conservação, e de maneira inusitada encontra uma semente germinando dentro de um deles. Admirando a resiliência da semente ao se manter viva em um ambiente adverso, além do fato do papel que se transforma em livro vir de árvores o levar à idéia de que o livro se decompondo pode ser seu retorno à sua forma original.



Como apresentação da empresa, no site seu site existe a seguinte apresentação:

## “SEJA BEM VINDO À MADE UP CORP

### Uma empresa Dedicada à Construção do Impossível

Somos uma empresa com prerrogativas únicas no mercado, nos especializamos na criação de lembranças. Por meio de uma rigorosa metodologia, produzimos evidências de memórias, que são indistinguíveis de qualquer outra vivida ou ainda por acontecer. Desta maneira se torna possível acessar, por nossos produtos, o que poderia ter sido, o que não foi, ou mesmo, o que seria impossível de acontecer.

## CONHEÇA UM POUCO DE NOSSOS MÉTODOS

### Metodologia Exclusiva para a criação de lembranças inventadas”

Após essa experiência, passei a querer utilizar minha já existente compulsão por objetos encontrados e aplicá-la em propósitos artísticos. Ressignificando suas existências procuro encontrar uma nova finalidade para essa mania, assim como para os motivos que permeiam essa pesquisa. Cada componente presente na instalação já está “aposentado” de suas funções, devido ao seu descarte, que na maioria deles se deu por conta de um defeito, uma parte avariada, ou até mesmo porque se tornou obsoleto em alguns aspectos.

A composição final dessa pesquisa propõe fazer o cambio de lugar entre a audiência, os objetos/componentes da coleção, tentando gerar o diálogo do lugar de cada coisa no mundo: sendo essa coisa um simples objeto ordinário que foi descartado, uma pessoa com uma vida glamourosa ou até mesmo um morador de rua que foi descartado pela sociedade — sujeito, obra e o outro — para a partir de proposição evidenciar que houve uma outra vida nesses objetos/coisas, que os levou até o momento, onde a partir de suas memórias, é elaborado o conceito da obra.

Ao criar uma memória sobre um objeto qualquer, num âmbito poético/artístico, nos valemos sempre da nossa humanidade, que é a nossa única referência concreta e tangível do que é a vida. Nos valemos da ideia de antropomorfização para transportar o nosso entendimento de existência para algo inanimado e sem emoção, modificando suas existências no cotidiano ordinário. A ideia de verossimilhança sugere proximidade ou semelhança à realidade factual, a humanização desses motivos os transporta ao nosso entendimento de existência.

Tendo isso em mente como processo de elaboração do conceito dessa investigação, é possível afirmar o que seria uma linguagem visual da memória? Ou se é possível chegar a esse lugar? A investigação aqui presente é motivada pela procura de um processo poético visual de tradução da memória das coisas, sendo que o artista é um criador diferente de outros, diferente de criadores como os cientistas, ou as pessoas/instrumento de criação, diferente daqueles que oferecem mão de obra àqueles que concebem a obra.

Partindo do ponto de vista acadêmico, busquei me construir como artista e então buscar elaborar critérios individuais para ver o mundo, me valendo do meu espaço plástico, além da feroz velocidade da informação, que nos fornece uma quantidade gigantesca de material manipulável, para procurar um novo olhar para a arte e para a vida. Em um processo utilizado para criar, construir ou pensar uma questão/objeto-específico, com propósito artístico ou não, acredita-se que o sujeito que cria visualize o seu objeto final, partindo apenas de uma pista, ou se valendo de um tema característico, ainda que aqui falamos dentro do espectro das artes visuais, a prática artística faz surgir algo, não necessariamente novo, tampouco ressurgir algo velho, mas sim reinventar o olhar para o que já é. A tendência é que o real hoje em dia é relativo e o processo de criação, visualizando-o abstratamente, é como uma viagem no tempo espaço, um momento de inércia, é o parto inerte que “rebenta” a obra à vida.

A ideia de linguagem e processo é um método que procuro aplicar na minha prática enquanto artista, tanto na produção de uma obra quanto na análise de meus trabalhos ou de obras que consumo. Consiste basicamente em eleger uma linguagem e a partir daí criar um processo para a criação de uma obra — acredito

que esse pensamento se aplica também como uma premissa contemporânea para a práxis artística — e a presente pesquisa, podemos dizer então, tem como paradigma, além dessas duas palavras o sujeito e o objeto, pensando a questão do que é a arte, e como é arbitrário a forma que é decidido o que tem mais valor enquanto obra. Aqui meu processo é também uma investigação, que procura deslocar nossa humanidade e atribuí-la aos componentes em questão.

A partir do momento em que modifico a convenção do que são esses lotes, retiro suas funcionalidades e as transporto para uma posição de igualdade em relação à nós mesmos, para então uma vez que são humanizadas, quando procuro evidenciar o valor de suas memórias, também quero atribuir humanidade à eles, para que passem à uma nova formas de existência, que é traduzida pelos olhos da audiência. A nova vida dessas coisas é validada uma vez que colocadas em um pedestal e inseridas no espaço expositivo, lugar esse que age como o que dá validação a pertinência de algo enquanto obra — e esse status de exclusividade se acaba quando retiradas desse lugar de legalidade. O lugar para uma instalação também é legitimador da mesma: a partir do momento em que elas estão em evidência, essas memórias reclamam sua atenção.

As sensações que certas coisas trazem em si, como nesses objetos que vem de um lugar de esquecimento, do não lugar de posição de coisa perdida, impressões que motivam a procura por memória, ou por atribuí-la à algo que possa portar memória, para essas serem resgatadas. Com essa investigação proponho levar questões como catalogação, memória, apropriação e ressignificação ao olhar do espectador e que a partir dessa instalação questione a linguagem, processo e legitimação das múltiplas formas de memória que podem haver dentro do espectro artístico/visual, e que também procura incluir uma análise crítica do processo de entrada em espaços expositivos legitimadores, uma vez que a obra é composta por objetos que não são regulares à tradição clássica, como a pintura ou a escultura.

Os lotes que compõem a matéria bruta em questão, por si só evocam sensações e aspetos que devem ser observados com minúcia para que se tenha uma leitura clara, e só então as lembranças impregnadas na existências de cada pequeno componente seja evidente, tanto como a utilidade de cada coisa antes de

compõem essa coleção — o artista como intermediário da tradução poética do objeto de arte, sendo o processo de criação a tradução a que me refiro, que extrai a obra da inércia, do vácuo, da não existência para o mundo dos vivos, buscando sentido em sua estaticidade, por assim dizer, e com isso poder refazer constantemente esses objetos, utilizando a capacidade de portar memória em si mesmos.

No contexto em que essa pesquisa se insere quero ter e promover a sensação de estar rodeado de memórias não violadas e as memórias atribuídas à esses objetos de investigação. Procurando por um processo e uma linguagem motivadores para minha práxis enquanto artista, tendo isso sempre como objetivo, escolho aquilo que sugere ser um potencial paradigma poético visual, para então empenhar uma investigação e chegar à esse suposto lugar. O lugar e o caminho que procuro sempre são o linguagem e processo, não necessariamente nessa ordem. Eleger a linguagem: pintura; escultura; vídeo; fotografia; assemblage; etc e criar um processo para tal.

## **Parte IV - A Palavra como Processo**

A palavra em meu processo é parte essencial, a escrita enquanto gesto, enquanto memória, mas anterior a tudo isso ela é como parte epigenética da minha práxis enquanto artista, a palavra fazendo um percurso pela fita rumo à imagem.

Procuro as palavras para me dar clareza e norte, às desdobro, nelas procuro suas entranhas e sentidos escondidos, assim como os sentidos escancarados que ela possa portar. É quase bíblico, “no princípio era o verbo”, com intenção menos bíblica possível, e sim como método, como processo rumo à linguagem. Uma necessidade para conseguir colocar ordem nas coisas, para as idéias não fugirem, e eu conseguir revisitar pensamentos que me ocorrem, desenhos que vejo nas pessoas, nas coisas, sempre estão acompanhados de algumas palavras.

Para essa obra obter êxito em existir não foi diferente, as palavras e gestos escritos estiveram sempre ordenando as coisas e mantendo os pensamentos alinhados ao processo de acumular, curar essas coisas esquecidas, deslocá-las, coleta, tudo já vinha com alguma carga que mexia comigo, que me sensibilizou de alguma forma e eu mantinha ali, junto, próximo a mim com a promessa de um dia fazer algo a partir dessas coisas. O germe foram o **Sentáveis**, eles começaram a ser coletados à alguns anos, e a obra naquele momento consistia apenas em assentos, eram neles que eu concentrava atenção e procurava extrair deles alguma memória, e criar novas entre eu, o antigo dono e o objeto, e essa memória se manifestava em poemas que eu criava para cada uma delas. Mais uma vez a palavra se insere no processo.

Algun tempo se passa e o processo se estagna e para, até o momento que percebo que eu poderia expandir meu objetos de estudo, e não me limitar à essas cadeiras, fui então aos pouco abrindo a pesquisa para outros tipos de coisas e objetos que já havia coletado e que vinham surgindo à todo momento. Então passo a projetar a obra para ser um cômodo onde eu iria juntar todas essas coisas de

maneira a deixar um espaço que fosse comum à todos mas portando outras memórias, memória das coisas e memórias supostas, sugeridas. Mas também se passa algum tempo e eu deixo que o trabalho volte a inércia. De toda forma é a palavra quem continua sendo o cerne, o processo se estagnou enquanto coisa e se mantém enquanto equação à se resolver, continuo procurando uma justificativa para o que eu tentava alcançar, tentando achar a linguagem correta para o processo que eu já vinha empenhando.

O avanço seguinte foi quando percebi que eu queria ter o controle total de como o trabalho seria e então fui atrás do processo e abrindo mão por um instante de qual era a linguagem que eu estava tentando acessar e foquei no processo, e retornei com mais força à palavra, à métodos que iriam inserir a palavra também como objeto da obra. Então fui subdividindo por semelhança e diferença aquilo que eu queria evidenciar enquanto objeto estético.

O objetivo era fazer um suposto leilão, então subdividi tudo em **10 Lotes de Memória**, e foi esse o nome que dei ao trabalho nesta etapa da sua existência (aqui já posso dizer que o trabalho antes que eu mesmo realizasse isso, já havia logrado algumas **Volts na Fita de Moebius**) então passo a visualizar o lugar que a todo momento estava procurando, que era dar uma nova vida àquilo que eu elegia como um objeto com algum valor visual que me afetava, apenas isso, o que me sensibilizou de alguma forma. Começo a catalogar cada pequena coisa até às cadeiras, que são os componentes de maior porte da obra. Utilizando a palavra como parte fundamental, crio meu método de catalogação e faço o registro de tudo que veio a fazer parte da composição final desse trabalho nesse, um registro mais livre e poético do que processos mais tradicionais.

Deixo a ideia de leilão se ligar ao trabalho apenas a partir da ideia dos **Lotes** e abro mão de estar sempre em controle para que o resultado visual do trabalho se dê em função desse processo de anos de coleta, mudanças de motivos e processos, paradas e continuidades, frustrações mas que a partir do registro disso tudo e sinalizando cada objeto componente da obra, para então ela enquanto instalação se faça sozinha sendo eu o intermediário para tal, a obra se adaptando ao espaço e se impondo enquanto algo vivo.



O percurso aqui fui fazendo ao longo de todo esse tempo, sempre foi o da poesia. A poesia é essência para percorrer minhas voltas na fita, cada linguagem utilizada, cada processo é uma volta em direção ao meu arco, ao meu final e meu novo começo, somos a esfera a que me refiro no **Lote #9** dessa instalação. A esfera que segue acachapantemente em direção ao arco, que é o marco das mudanças pelas quais nós, assim como as peças dessa coleção passamos ao longo de nossas existências ordinárias.

## **Referências Bibliográficas**

<https://www.madeupmemoriescorp.com.br/pedido-n-04>

<https://www.madeupmemoriescorp.com.br/v>

**JOGO Fenotípico.** In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em:

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra11222/jogo-fenotipico>

Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7

Lacan, ***Le Séminaire, livre XIII: L'Objet de la psychanalyse***, sessão  
11/05/1966

RIVERA, Tania, **O avesso do Imaginário, Arte Contemporânea e Psicanálise** - EDITORA SESI-SP 2018 pg 163

Walter Benjamin, **A modernidade e os modernos**, trad. Heidrum  
Krieger Mendes da Silva. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000, p. 15

**Taguatinga, 2019**